

FRANCISCO MOITA FLORES

A OPERETA DOS VADIOS

Este livro é dedicado a todos os Homens e Mulheres
Que ao longo da vida se entregaram
À política e ao serviço público, com coragem, abnegação,
Rigor, seriedade e paixão ao próximo,
E que sempre se recusaram a pertencer
Ao grupo «eles são todos iguais»

Santarém, 2011

Advertência: Algumas das frases que constam deste livro foram retiradas de discursos doutrinários e politicamente correctos que viajam pela Internet. O Autor não se responsabiliza pelos disparates que não lhe pertencem. Nem responsabiliza os leitores. Aceitem-nos como ficção, pois que de uma ficção se trata.

A CRISE

Não foi de propósito. Apenas uma coincidência. Essa noite tenebrosa prometia uma tragédia no São Carlos. Quer o Felismino, primeiro-ministro de Portugal, quer o Carlos Agostinho, ginecologista pouco atento à política nacional, tinham decidido ver a *Katia Kabanova*. Deve dizer-se que nem um nem outro optara por esse programa nocturno, com acordo mútuo. Aliás, nem se conheciam. O primeiro-ministro cumpria uma sessão protocolar, pois o espectáculo estava incluído nas comemorações da República Checa, da qual o compositor da ópera era natural; o Carlos e a esposa não cumpriam nenhuma obrigação. Fora o prazer do *bello canto* que os levava ao histórico teatro. Porém, antes de o psicodrama se iniciar e de alguém escutar o desespero soprano de Katia, vítima maior da opressão da sogra Marfa, estacionava o carro do primeiro-ministro à frente da porta principal e via-se a sua figura para lá dos vidros, agarrado a um telemóvel, enquanto os seguranças se dispunham para protegê-lo dos melómanos presentes. Foi um momento de forte curiosidade. Não era frequente o líder do Governo ir ao São Carlos e a sua presença criou alguma efervescência entre o público reservado, solenemente circunspecto, que frequentava aquela sala. Vozes baixas, murmúrios discretos, expressões de aparente indiferença, um ou outro olhar curioso, denunciavam a alteração

do ritual de prazer antecipado pelo espectáculo que iriam saborear. Perdeu-se o tino ao currículo do soprano, a discussão sobre a irregularidade da carreira do tenor deixou de fazer sentido e a expectativa, quanto à prestação do contralto, esvaziou. Está ali o primeiro-ministro! Escondido na viatura oficial, encolhido, abraçado ao telemóvel, mas estava. A imponência da sua guarda pretoriana, com auriculares visíveis, deixava que se imaginassem as mensagens secretas que mantinham a salvo e protegido aquele que conduzia os destinos do país inteiro. E, de súbito, estoirou uma bomba no interior da viatura. Foi um grito. Um formidável «não!» sacudiu os prédios em volta, ribombou pelo Largo, estendeu-se ao Chiado e rebolou pela Calçada Nova de São Francisco. Os pombos esvoaçaram, assustados, dos beirais do Governo Civil, os espectadores que ultimavam os cigarros à entrada do São Carlos petrificaram de surpresa, os guardas, com nervos de guerra, puxaram das armas para defender o chefe do Executivo e o automóvel arrancou, com raiva de foguete, pirilampos tresloucados, rua abaixo, com o motor a rosar impaciência. Ouviu-se um dos seguranças gritar para os outros: «Para Belém!», e rápidos, em grande aceleração, galoparam atrás do seu protegido. Bem insistia o sinal sonoro, implorando à assistência que ocupasse camarotes e plateias, mas *Katia Kabanova* teria de dar tempo a que o Largo de São Carlos deixasse de estar boquiaberto face aos graves acontecimentos que acabavam de se desenrolar, ali mesmo, no coração de Lisboa. Carlos perguntou a Eva, ainda não refeito da visão:

– Mas o que foi isto? O primeiro-ministro vem ao São Carlos soltar um grito e foge?

– Está a fazer provas para tenor – ironizou a mulher. Porém, franzindo a testa, rematou: – Passa-se qualquer coisa de grave. O grito foi excessivo mesmo para um palerma como

o Felismino e os seguranças disseram que foram para Belém. Foi chamado ao Presidente da República, de certeza absoluta.

– Que será? Vais ver que saímos da bancarrota.

Eva soltou uma gargalhada.

– Filho, tem de ser outra coisa, porque daí não sairemos durante muito tempo. Apenas fazemos de conta que não é verdade.

– Estão a chamar-nos. Vamos!

No salão de entrada, estavam três ou quatro indivíduos que se percebia serem diplomatas, ar grave, agitados, em passinhos de um lado para o outro, visivelmente excitados, falando para os telemóveis. Carlos não sabia porquê associava aquela gravidade nervosa dos telefonemas ao grito do primeiro-ministro e pressentiu que, na verdade, alguma coisa de muito sério estaria a acontecer. Deu disto conta à mulher, mas Eva encolheu os ombros:

– Meu querido, a única coisa de grave que pode acontecer no país é continuarmos com o Felismino à frente do Governo. Desgraçadamente nem o Presidente da República tem força para dar cabo desse desgraçado.

A afinação dos instrumentos foi sossegando as conversas e tranquilizando as testemunhas do extraordinário berro. E as primeiras notas musicais de *Katia Kabanova* devolveram ao São Carlos a sua alma natural, feita de notas, compassos, graves, agudos, emoções, música afinada e sem nenhum ministro presente. Uma verdadeira assepsia com orquestra.

Eva enganara-se na premonição. Naquela noite, o Palácio de Belém tinha uma atmosfera ainda mais austera do que habitualmente. Os jardins silenciosos, docemente românticos, envolvidos na palidez dos candeeiros de luz mortíça, e o

casario respiravam silêncio. O chefe da Casa Civil esperava Felismino à entrada. Era uma silhueta cinzenta, hirta, que mostrava ao recém-chegado a sala, iluminada com sombras, e que sugeriu ao governante o ambiente de uma câmara-ardente. De repente, recordou o sem-número de vezes que ali tinha entrado, cercado por uma corte de jornalistas, passo seguro, sorriso luminoso, rosto brilhante de cremes e vaidade, peito carregado de confiança e com a glória no olhar. Agora, era um homem curvado, medroso, assustado, quem apertava a mão ao seu recepcionista. A frieza do cumprimento fez-lhe com que previsse o pior. O Presidente não o chamara para mais uma descompostura. Agora era o fim e cresceu dentro dele uma vontade avassaladora de evitar a morte, pois sentia a morte naquilo que estava prestes a ouvir e quis fugir dali, ao abrigo dos jardins do palácio. Apenas o susteve a ideia de que os guardas de serviço à portaria o prenderiam e fá-lo-iam regressar sob escolta ao encontro marcado em cima do início da *Katia Kabanova*.

O Presidente já o esperava na sala de reuniões ao contrário do que mandava o protocolo. De mãos atrás das costas, passeava vagorosamente, rosto fechado, e revelou alguma irritação na maneira desprendida com que cumprimentou Felismino. O chefe da Casa Civil fez um gesto de cabeça e saiu rapidamente, e o primeiro-ministro quis ganhar um passo, inventou um sorriso e perguntou:

– Passa-se alguma coisa de grave, Senhor Presidente? Ia para o São Carlos quando recebi o telefonema.

Recorreu à ópera para mostrar as suas preocupações eruditas, porém a resposta foi de sibilina ironia:

– Também aprecio. Sobretudo Wagner. Desculpe tê-lo roubado às suas horas de lazer. Na última vez que aqui estive, durante a noite, vinha do concerto de Lady Gaga.

Ou seria dos Black Eyed Peas? Não sei. A verdade é que o país não espera pelos nossos prazeres.

– Claro, claro. Vim imediatamente. De facto, o dever sempre antes do prazer.

Mobilizava cada palavra para a cumplicidade amiga, ansiando ser agradável, forçando a ilusão de que a conversa que tanto o amedrontava fosse afastada para bem longe daquele encontro nocturno tão ameaçador. Em vão! O Presidente nem procurou ganhar tempo com qualquer introdução ao tema e anunciou o apocalipse:

– Senhor primeiro-ministro, chamei-o para saber em primeira mão que decidi dissolver a Assembleia da República, demitir o seu Governo e marcar eleições dentro dos prazos legais. Chegámos ao fim da jornada, meu caro.

Felismino mirrou. Foi quase num sussurro, sem energia, que ainda ousou perguntar:

– Posso perguntar o porquê desta decisão?

O Presidente empertigou-se, embora dissimulando a crispação.

– Ainda pergunta porquê? Não percebe o estado em que o seu Governo pôs o país? À beira da fome e da guerra civil?!

Apesar do esforço de contenção, as lágrimas espreitaram nos olhos. Descolorado por uma palidez digna do pincel de El Greco, titubeou em aflição:

– Tenha piedade de mim. Não me faça isso, Senhor Presidente. Eu juro que governarei como me mandar e for do vosso agrado. Tenha piedade, por favor.

Ficou surpreendido com aquela repentina humilhação, bem longe da pose impante de vaidade que alardeava noutras ocasiões, porém o outro decidiu pôr termo à situação conflagradora que começara a nascer.

– Senhor primeiro-ministro, pode divulgar esta minha decisão. Amanhã oficializarei o assunto. Tenha uma boa noite!

Voltou-lhe as costas com desprezo e afastou-se, desaparecendo quase a seguir, por detrás dos pesados reposteiros que separavam os salões. Não viu, por isso, como o cordeiro Felismino, de há segundos atrás, o olhava com ódio assassino. Em três minutos, aquele animal desfizera-lhe a vida sem um único sinal de comiseração. Anos de trabalho intenso para chegar onde chegou, de lutas intestinas, de noites sem descanso, de dias incansáveis e, agora, era despachado sem mais delongas. Em três minutos. O tempo de aquecer um bife no microndas. Se procedesse, como achava justo, deveria ter corrido atrás do Presidente e, ali mesmo, desferrar-se da decisão com uma valente tarefa. Deve dizer-se que não se consumaram os propósitos porque nesse instante apareceu por artes mágicas o chefe da Casa Civil, sorumbático e frio, que lhe indicou a porta.

– Senhor doutor, eu acompanho-o.

Percebeu no tratamento que, em Belém, já não era primeiro-ministro. Era mais um doutor, um vulgar político cuja habilitação académica se reconhecia por ser presidente de uma concelhia de qualquer partido, um tratamento abaixo de camarada ou de companheiro, quase uma alcunha insultuosa. Não trocaram palavra até à porta e a magnitude da noite transformava o imenso parque de estacionamento num enorme buraco negro para onde, naquele momento, caíam infinitamente os sonhos e as expectativas do inditoso Felismino, apeado do poder com três frases curtas. Tão breves que, em vez de conversar, o Presidente da República bem o poderia ter despachado por telegrama. O despedimento fora tão brusco que se desorientou. Em vez de entrar na

viatura oficial, enfiou-se no carro da segurança. Surpreendido, o chefe do grupo de polícias retirou o auricular e, em vez de fechar a porta, perguntou:

– Vossa Excelência precisa de segurança mais apertada? Acha que é necessário irmos ao porta-bagagens para nos armarmos com as metralhadoras e colocarmos os coletes à prova de bala?

– O quê? – perguntou Felismino sem perceber.

– Devo retirar da decisão de Vossa Excelência que Sua Excelência, que o Senhor Presidente o chamou de urgência por causa de um alerta vermelho contra o terrorismo?

– O quê? – repetiu o primeiro-ministro, julgando o seu chefe de segurança como um louco que se preparava para o atacar.

– A viatura, senhor primeiro-ministro.

– Hã? Ah, sim! – sobressaltou-se quando deu pelo erro. Procurou disfarçar com uma risada nervosa.

– Tem razão, tem razão. Apenas quis experimentar o conforto do vosso carro. Vocês sabem que sempre me preocupou o vosso conforto.

Saiu e entrou no seu automóvel perante a expressão unânime de surpresa do corpo de segurança.

O motorista perguntou:

– Regressamos ao São Carlos?

– Onde?

– Foram as ordens que recebi da senhora chefe de gabinete.

Foi então que Felismino caiu em si e a emoção estrangulou-lhe a voz. Ainda o tratavam como se fosse primeiro-ministro quando já não passava de um vulgar senhor doutor.

– Não. Não vamos. Leva-me para junto do Tejo. Preciso de apanhar um pouco de ar fresco.

O chefe de segurança, que, entretanto, se sentara ao lado do condutor, insistiu, desconfiado:

– Vossa Excelência sente-se bem?

– Sinto. Apenas preciso de caminhar um pouco para pôr a cabeça em ordem. Foi um dia terrível. Vamos para junto da Ponte Vasco da Gama. A esta hora não há ninguém perto do rio.

Brilhava uma luzinha fria, a qual denunciava os vagarosos barquinhos que subiam e desciam o Tejo àquela hora da noite, e os candeeiros, que iluminavam a ponte, pareciam projectar pinceladas descuidadas de amarelo reflectidas nas águas adormecidas, mansas, deslizando em direcção ao mar.

Avançava em passos vagarosos pelo passeio público, escutando o sussurro das águas, de vez em quando interrompido por ruídos bruscos dos automóveis que atravessavam a Vasco da Gama. As palavras do Presidente, despedindo-o sem justa causa, persistiam nos ouvidos. Não era capaz de perceber se hesitava entre o ódio e a raiva ou se, tão-só, era uma irracional vontade de matar que se apossara dele. Por cada passada desejou cem vezes a morte do seu carrasco, por cada suspiro magoado, mil vinganças ajuramentou. Porém, a imensa solidão dos jardins da Expo devolviam-lhe o confronto com a incontornável verdade: estava demitido! Ao menos fora poupado à estopada da *Katia Kabanova*. Deixou-se cair num dos bancos de jardim virados ao rio. Felismino curvado era a silhueta do abandono, incapaz de escolher um caminho, tão seco por dentro que não descortinava naquele céu de Lisboa uma única estrela que lho indicasse.

Sentiu uma necessidade profunda de partilhar a sua dor e, num impulso, pegou no telemóvel e ligou ao Orlando, amigo de sempre e ministro. Atendeu de imediato.

– Orlando?

– Felismino! Não estás no São Carlos?

– Não. O gajo chamou-me a Belém para demitir o nosso Governo.

Respondeu-lhe um breve silêncio e, por fim, uma pergunta incrédula.

– Estás a falar a sério?

– Foi há meia hora – o soluço do choro interrompeu a explicação, e Orlando, mobilizando a sua melhor erudição, gritou:

– Filho da mãe! Mas que grande filho da mãe!

– Vai ter comigo a São Bento, por favor. Não sei o que hei-de fazer à minha vida. Quando a Irene souber disto, vai correr comigo a pontapé – gemeu, enquanto limpava o nariz e as lágrimas.

– Não corre nada – berrou Orlando. – Vou ter contigo e levo o Governo todo. Até já.

– Obrigado. Até já.

Conseguiu levantar-se do banco e como um alquebrado velho aflito com uma crise de espondilose dirigiu-se pensativamente em direcção ao seu corpo de segurança.

A chefe de gabinete de Felismino chamava-se Maria da Paz. Um nome estranho, porém quisera Deus que o nome fosse a mulher. Abordava qualquer problema pela perspectiva mais optimista, encontrava em cada desaire uma oportunidade para um caminho de esperança. É necessário que se perceba com o desenrolar da narrativa que Maria da Paz não fora uma escolha política, mas uma imposição matrimonial.

– Levas contigo a Maria da Paz ou peço o divórcio! – foi o ultimato de Irene, a esposa que o alimentava havia mais de doze anos.

– Mas ela não sabe nada de política! Trabalha num banco, é uma personagem insignificante.

– Tem bom senso e conta-me tudo aquilo que tu fazes.

– Queres espiar-me, não é? A minha mulher quer controlar o primeiro-ministro de Portugal.

– Vais ser primeiro-ministro durante quatro anos e depois voltarás ao que és. Um vadio sempre a cheirar as saias de todas as mulheres e, ainda por cima, sou eu quem paga os teus devaneios e caprichos. A Maria da Paz vai contigo!

– Tu não percebes que...

– Percebo bem de mais. E ficas desde já a saber que a partir de agora és tu quem paga os teus cartões de crédito. O ordenado de primeiro-ministro, com as despesas de representação, tem de chegar para ao menos te sustentares. Das crianças trato eu. Como sempre! – rematou, sarcástica.

Felismino gritou:

– Ao menos mostra algum respeito por mim. Sou o chefe do Governo.

A resposta foi seca:

– Triste país que te entregou o seu destino!

Esta curta, e já velha, discussão reproduz as refinadas relações do casal. Irene era uma reconhecida economista, alto quadro de um banco inglês que, por desistência desiludida do casamento, se dedicara à profissão com competência e paixão. Em tempos, deixara-se seduzir por Felismino, galanteador, prosápia romântica, o desgraçado infeliz que ninguém compreendia. Chorava, por vezes, com pena de si, e Irene, então com vinte e cinco anos, fascinada por aquele belo homem de cabelos loiros, vencido pela maldade humana, deixou que despertasse o instinto maternal, virtude feminina grandiosa e que, mal usado, conduz muitas mulheres para um destino desértico apenas decorado com um

cacto. Torna-se dependência de homem que se transforma em espinhos e cuja seiva apenas alimenta o seu egoísmo preguiçoso.

A mulher descobriu tarde – dois filhos depois – que o seu príncipe encantado, vítima da indiferença dos homens, não passava de um patinho preto que cultivava a dependência. Ainda pusera a hipótese de divórcio, porém Felismino mostrava devoção sagrada por ela, recheada de tantos «gosto muito de ti», tão servo quanto servo nos valores da família, que Irene desistiu. A profissão e a necessidade de educar os filhos, coisa que Felismino valorizava embora como testemunha, eram um entusiasmo onde ele se colocava como mero adereço. Mas fazia carreira política e era referência da Lisboa nocturna, príncipe de bares e discotecas afamadas.

Maria da Paz suportou o primeiro embate depois da curta conversa de despedimento. Entrou em gritos tais que São Bento sobressaltou-se.

– Não abras essa boca. Tu nem te atrevas a abrir essa boca imunda! Farta-se um homem de trabalhar para isto – galgava o gabinete de um lado para o outro sem conter a cólera – e este ordinário manda-me à merda, atira com todo o meu Governo para o lixo, sem um pingão de piedade. Ainda por cima apoiei a eleição deste gajo. Estúpido, mil vezes estúpido! Onde tinha eu a cabeça para pedir ao partido que apoiasse este estafermo?! Que vai ser de mim, Maria? Que vai ser de nós?

Deixou-se cair no sofá, chorando convulsivamente e tornou a gemer, afogado em soluços.

– O que vai ser de nós?

A chefe de gabinete aproximou-se de mansinho, palavras de consolo, mão amiga no ombro.